

A ÁRVORE URBANA COMO SÍMBOLO POÉTICO DA MEMÓRIA SOCIAL EM BAIRROS HISTÓRICOS DE NITERÓI

Jorge Crichyno¹

INTRODUÇÃO

Considerada como totalidade, a paisagem resulta da combinação de uma multiplicidade de fatores e possibilita a percepção e o olhar para várias direções e campos disciplinares que possam auxiliar na compreensão de sua natureza e significado.

O “modo de olhar” e atribuir consequentes significados faz com que todo o arranjo de formas e elementos estruturais existentes na paisagem seja mutável em função dos signos que podem assumir diferentes sentidos entre sujeitos e grupos sociais no tempo e no espaço. Nesse aspecto, objetiva-se o foco de análise sobre árvore como símbolo poético da paisagem urbana das áreas em estudo.

Nessa perspectiva conceitual, é possível pensar a paisagem como elo de mediação entre o mundo dos objetos visíveis e aquele da subjetividade humana (BARBOSA, 1998; COLLOT, 1990). Oferecida a propósito de um grau de percepção cotidiana e, ao mesmo tempo, produto de experiências pessoais e coletivas, a paisagem constitui-se nesse movimento de constante dialética.

Segundo a análise de Cosgrove (1998), torna-se relevante decodificar os possíveis significados e valores contidos na paisagem, de maneira

que possibilite refletir sobre os papéis sociais para reproduzir a cultura e a geografia humana do mundo cotidiano que nos rodeia, tomando com um dos seus elementos simbólicos a árvore urbana.

Baseada nestes pressupostos teórico-conceituais e fundamentada numa abordagem humanista e geográfica, o presente texto é resultado de atual projeto de pesquisa (2012) e desdobramento de outro estudo (CRICHYNO, 2000), que analisa a questão da identidade urbana cultural das áreas de estudo como significado para a expressão do patrimônio cultural e ambiental da paisagem histórica de três bairros da Cidade de Niterói.

Da complexidade desse objeto de pesquisa e suas diferentes formas de significados, aponta para o interesse acadêmico de aprofundar a temática sob o enfoque da transposição conceitual da paisagem como “campo de visibilidade” para o “campo da significação” individual e coletiva em termos sociocultural e socioambiental (CABRAL, 1999).

A concepção proveniente da ciência geográfica ao relacionar a natureza enquanto instância do mundo natural e a cidade em sua dimensão cultural, mediadas pela noção de Território, vem marcando, ultimamente, as discussões exacerbadas sobre a oposição entre natureza e cidade. Porém, ao se tornarem cada vez mais exacerbadas, tornam-se igualmente sem sentido e sem coerência.

A natureza vista em sua dimensão histórica inclui o homem, seus atos, objetos, crenças, conhecimentos, potencialidades e limites. Mutável e instável, sempre se transformou por força das mesmas leis que regem a evolução da sociedade e de seu processo de produção. Com o passar da relação tempo/espaço, incorporou a essa transformação a dimensão técnica, traduzida em um modelo mundial e único, que se sobrepõe a toda e qualquer diversidade cultural, econômica ou política, unificando a natureza como um conjunto de atos, juízos e intervenções.

¹ Professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo (EAU), Universidade Federal Fluminense (UFF). jorgecrichyno@hotmail.com.
✉ Rua Borda do Mato, 245, ap. 401, Grajaú. 20561-200. Rio de Janeiro, RJ.

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

A Geografia está associada à ideia de espaço. Quando um geógrafo percebe que o domínio de estudo coincide mais ou menos com o de outra ciência, afirma com ênfase que a originalidade de sua disciplina é o espaço. O mesmo ocorre em relação à primazia do tempo pela História e na concepção científica dos historiadores.

De acordo com a perspectiva kantiana, as relações entre o tempo e o espaço constituem duas categorias a priori do espírito humano, portanto, inevitável sua associação nos domínios do conhecimento. Para Kant, a História é o relato dos fatos que se sucedem um após outro (*nacheinander*) no tempo, enquanto a Geografia é a apresentação dos fenômenos que se encontram ao lado do outro (*nebeneinander*) no espaço. Reunidas, estas duas disciplinas compreendem o conjunto de nossas percepções.

Por outro lado, a História nos evidencia que, a partir do século XV, a concepção do espaço surge com a pintura italiana da Renascença, definindo uma certa visão representativa de um espaço submetido às regras da perspectiva, concepção que se mantém inalterada até o início do século XX. Num domínio mais apropriadamente geográfico, a preocupação com referência ao espaço, tal como a entendemos hoje, manifesta-se na confecção de registros sob a forma de mapas, preocupando-se em localizar pontos da superfície terrestre e precisar seus limites e formas continentais.

Esta nova concepção encontrou a sua definição teórica com Leibniz e Kant. O tempo e o espaço existem apenas relativamente aos objetos, em que o espaço é o arranjo das coisas que se sucedem. Também para Kant, o espaço não tem existência real: o espaço é uma representação necessária a priori, que serve de fundamento a todas as percepções exteriores. Nunca se pode representar que o espaço não existe, embora se possa pensar que não haja objetos no espaço. O espaço é considerado como a condição de ocorrência de fenômenos,

não como uma determinação dependente deles, constituindo uma representação a priori que serve de fundamento, de uma maneira necessária, aos fenômenos exteriores.

Mesmo admitindo o caráter inevitável da associação do tempo e do espaço, da História e da Geografia, pode-se dar prioridade a uma ou outra. Se o tempo suplantar o espaço, tem-se a Geo-História; se o espaço suplantar o tempo, tem-se a Geografia “cultural” para o presente e a Geografia Histórica para o passado. No entanto, talvez a perspectiva melhor seria considerar a perspectiva do domínio do conhecimento filosófico (arte e ciência) que busque ampliar novos horizontes epistemológicos e ontológicos.

Espaço e tempo parecem não constituir, necessariamente, duas noções ou categorias que se situam no mesmo plano. A percepção inconsciente dessa diferença, já evocada por Kant, explica em parte a subordinação tradicional da Geografia à História. No entanto, com referência às transformações recíprocas, tempo e espaço misturam-se, às vezes segundo regras difíceis de definir: o pensamento chinês clássico não concebeu a separação de tempo e de espaço: “a toda parte individualizada da duração corresponde uma porção singular da extensão”; a dignidade dos espaços resulta de uma espécie de criação ritmada, a aptidão em fazer coexistir que subentende, por assim dizer, toda extensão, sendo função de uma aptidão a pendurar: o espaço não se concebe independentemente do tempo.

Nessa perspectiva, torna-se importante o entendimento de que a subordinação do tempo ao espaço ou vice-versa, a subordinação da Geografia à História ou o contrário está atualmente ultrapassada em virtude da importância atribuída às relações sociais, econômicas e políticas complexas, ao planejamento do território, ao meio ambiente e ao desenvolvimento.

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

Todo fenômeno humano ou natural é suscetível de ser estudado nas suas variações espaço-temporais. Quando se trata das variações temporais, no domínio da História as dificuldades desaparecem. O mesmo não acontece com a Geografia, pois o estudo das variações espaciais aplica-se a fenômenos atuais que são diretamente da alçada das ciências sociais e econômicas. Assim, em todas as ciências humanas, pode-se conceber o estudo das generalidades e um estudo diferenciado no tocante às regiões físico-espaciais.

Nesse aspecto importante, insere-se o estudo dos aspectos diferenciais da paisagem, sabendo-se que o homem não é mais que um utilizador e desencadeador de transformações dos equilíbrios naturais do meio físico ou da paisagem natural. Por muito tempo, a Geografia tinha como tendência recorrer apenas aos elementos visíveis, isto é, essencialmente ao meio natural. A noção de invisível na paisagem tornou-se difundida nos estudos da geografia cultural humanista, voltada para os fundamentos fenomenológicos, perceptivos, representativos e artísticos (OLIVEIRA, 2011).

Nesse contexto, inserem-se as questões discutidas no presente texto que enfoca a inserção da paisagem urbana entre as dimensões fundamentais da existência humana, a partir do aporte teórico-conceitual da “geograficidade”, termo proposto por Dardel para relacionar a paisagem e os elementos terrestres entre as dimensões fundamentais da existência humana, de modo “que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 120).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

Inicialmente, cabe destacar algumas ideias que permitam pensar a paisagem como fenômeno vivido socialmente, pois qualquer estudo

que se refira à espacialidade deve se remeter a memória histórica da paisagem. Como nos afirma Lowenthal: “o passado nos rodeia e nos satura; toda cena, todo enunciado, toda ação conserva conteúdo residual aos tempos passados” (LOWENTHAL, 1985).

Para tanto, o recurso conceitual remete-se à abordagem humanista como corrente de pensamento geográfico que enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas com o meio ambiente natural. De acordo com Tuan (1982), através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços, paisagem e lugares, a geografia humanista reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor entender o homem e sua condição. Conforme Holzer (1992) corrobora com a tese de que a geografia humanista advém do empenho dos geógrafos históricos e culturalistas que, a partir dos anos setenta, estão interessados em renovar suas disciplinas com as contribuições dos campos da Antropologia, Psicologia, Sociologia, etc.

Quanto ao aporte filosófico, afirma ainda o autor, a geografia humanista cultural recorre à fenomenologia-existencialista, cuja ênfase recai sobre a valorização do indivíduo e, por conseguinte, sobre a aceitação da existência e da subjetividade como fontes para o conhecimento.

Numa perspectiva fenomenológica, o “mundo vivido” é multifacetado por incluir as experiências, ambiguidades e significados da vida social. Encontra-se nas confrontações diretas com o mundo vivido geográfico, nos quais todos os arranjos de artefatos com os aspectos naturais, chamados ou não de paisagem, verifica-se que sua presença é inevitável nesses ambientes.

De acordo com Relph (1979, p. 13), “esses ambientes concretos são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância, mas correspondem a cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais”. E na medida em que são experienciadas diretamente

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

como atributos do mundo vivido, paisagens, assim como espaços e lugares constituem as bases fenomenológicas da realidade geográfica. Portanto, sob essa perspectiva “lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares” (RELPH, 1979, p. 16).

Para Dardel (2011), as relações humanas com espaços, paisagens e lugares são chamados de “geograficidade” (*geographicité*). Corresponde a uma ideia que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes nos quais a vida social se desenvolve. Quando são positivas e agradáveis são experiências topofílicas, mas quando são negativas e desagradáveis, são experiências topofóbicas.

A fim de ilustração sobre o universo de valores concernentes às paisagens, pode-se recorrer a uma pesquisa realizada por Meinig (1976), na qual foram identificados dez enfoques diferentes: paisagens como natureza, destacando os elementos físicos e atribui pouca importância à ação antrópica; como habitat, ela é vista como território para morada do homem; como artefato, considera-se o produto da ação humana sobre a natureza; como sistema, a paisagem é percebida como um conjunto, não se prestando atenção a fatos isolados; como problema, tende-se a identificá-la como algo a ser superado; como riqueza, tudo que é percebido na paisagem tem valor monetário; como ideologia, ela é vista como uma representação e combinação de símbolos; como história, a paisagem representa um registro das ocorrências diversas do passado; como lugar, ela é um centro de valor associada à necessidade diversa; como estética, a paisagem é avaliada em suas qualidades panorâmicas e artísticas (HOLZER, 1992).

Assim, um estudo de avaliação dos campos de significação da memória social na paisagem sob uma abordagem humanista pressupõe certo grau de deslocamento da atenção do objeto externo para os fenômenos que ocorrem com os sujeitos que a vivenciam, buscando aferir a maneira pela qual as pessoas partilham essas

relações existenciais. Nesse contexto, insere-se a árvore urbana como símbolo poético da paisagem.

O imaginário urbano, como todo tema ligado à cidade, envolve grande complexidade, reforçada pelo fato de que, de modo diverso a outros temas que tratam da urbe, neste caso, lida-se também com os aspectos considerados comumente como a irrealidade da cidade. Entretanto, essa ideia de que as imagens criam um mundo totalmente irreal é contestada, já que as imagens integram um mundo à parte, também real.

Para Daniels e Cosgrove, uma paisagem é mais palpável, mas não mais real nem menos imaginária do que uma pintura ou um poema. Como uma representação cultural, a paisagem tem categoria de imagem e de símbolo (DANIELS; COSGROVE, 2002, p. 43-82). Neste estudo, considera-se que nas relações entre o espaço e o imaginário urbano possibilita pensar a paisagem a partir de imagens mais esclarecedoras do que análises positivistas. Norberg-Schulz busca uma abordagem que recupera a consideração da vida cotidiana na qualidade do habitat, perdida com a preponderância da observação de conceitos restritos (NORBERG-SCHULZ, 1980).

Através da compreensão fenomenológica fundamentada nos estudos em linguagem e estética de Heidegger, pode ser perceptível a noção do senso existencial do habitat, que se realiza quando o ser humano consegue se orientar e se identificar no ambiente, experimentando-o como significativo, o que leva ao conceito de espaço como lugar (HEIDEGGER, 2002).

O conceito de imaginário urbano pode contribuir na revelação de alguns aspectos da paisagem urbana dos três bairros históricos de São Domingos, Gragoatá e Boa Viagem, em Niterói, relacionado-se aos desejos e aspirações do coletivo da cidade. Ele está, portanto, relacionado tanto com o que existe quanto com o que pode vir a ser.

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

É possível, a partir da imaginação, “pensar em nós mesmos de forma diferente do que somos” e “propor uma finalidade além da situação existente” (ARGAN, 1998, p. 266), ou seja, criar ou construir uma nova realidade social na perspectiva da geograficidade.

No que tange à construção da memória coletiva do espaço urbano, Sansot assinala a participação do inconsciente coletivo, pleno do que não conhecemos, e que escapa à observação e ao tempo, dispensando as noções de antes e depois. Essas características facilitam o não questionamento da sua existência e a invenção pelo ser humano de “um passado à imagem do seu presente”, criando fábulas que falseiam a história real, aproximando-se do que acontece em sociedades tradicionais remotas (SANSOT, 1989, p. 5-10). A persistência de certos ritos, entretanto, indica a manifestação de uma constância da natureza – os arquétipos primordiais que incitam a “comportamentos quase idênticos” (SANSOT, 1989, p. 5-10). Dentre esses arquétipos encontra-se a árvore capaz de induzir a uma similaridade no comportamento e nas relações da coletividade, colocando-se como uma base estrutural à formação das identidades.

Nesse aspecto, as árvores enfeixam poderosos potenciais imagéticos. Ao se tratar de árvores urbanas, as reverberações imagéticas prolongam-se a níveis de grande complexidade, ecoando no imaginário urbano e na memória social.

Para tal considera-se como eixo referencial os pensamentos de Gastón Bachelard e, também, tendo como base a reflexão de Noberg-Schulz sobre a forma de compreensão da natureza pelo ser humano, em termos dos mitos e ritos que envolvem a imagem arbórea.

A árvore como imagem poética simbólica da paisagem urbana é considerada nos estudos de Bachelard, nos quais o autor identifica os vegetais como indutores de devaneios particulares e coletivos e dedica às árvores uma atenção especial em diversos trechos de alguns

de seus livros, ressaltando que as imagens fundamentais relacionadas aos vegetais são elementos indispensáveis à constituição de uma doutrina da imaginação literária.

A árvore, elemento condensador e potencializador dos devaneios vegetais, fomenta o sentimento de engrandecimento da alma. Para Bachelard, a árvore tem sempre um destino de grandeza que ela propaga. Ela ativa nosso espaço interior, que lhe rompe os limites; assim, ao penetrar do espaço íntimo da árvore, sonhador e árvore crescem juntos (BACHELARD, 2004, p. 183).

Um dos mais fortes e completos valores da imagem-árvore é a verticalidade e, quanto mais isolada, mais é perceptível a ação vertical de sua contemplação. É a árvore ajudando o sonhador na sua escala celeste, na conquista da vida aérea. A árvore ereta dá o seu exemplo ao sonhador de imagem verticalizante, de caráter aéreo e suspenso, e diz-lhe: “fique ereto como eu [...] reaprume-se”.

CONCLUSÃO

Para Bachelard a árvore é “um objeto integrante”, ou seja, um objeto que tem forças de integração e que serve para integrar imagens. Com seu dinamismo indutor a árvore está em todo lugar ao mesmo tempo, na terra e no ar, fazendo crer que a própria imaginação é uma árvore, pois tem as mesmas virtudes. Além disso, a árvore une o ar à terra e oscila do dia à noite.


Em Bachelard, vemos que a árvore é proteção, refúgio, mas também contém o sentido de perigo e de liberdade. A árvore revela-se como uma morada seja em seus ramos ou em suas raízes, uma expressão que suscita a reminiscência do homem arborícola. Nesse sentido longe de esgotar os diversos valores da imagem-árvore que se encontram nos estudos de Bachelard, o que se pretende é buscar identificar a

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

imagem poética da árvore na paisagem urbana, delineadas a partir da identificação de diversos símbolos.

Assim, pode-se considerar que a árvore pertence e é o símbolo principal da categoria representada pelo “ímpeto” ascendente do progresso temporal e é indicativa de um sentido único da história do espaço e do tempo, reconduzindo o ciclo à transcendência. A árvore coloca-se, portanto, inserida numa categorização junto aos outros símbolos vegetais e caracterizada pela humanização de seu arquétipo trazida pela verticalidade.

Nesse sentido, torna-se possível relacionar árvore urbana e memória social da cidade possibilitando a capacidade de conservar e de lembrar, reconhecendo os estados de consciência humana já vividos, sem, no entanto, desprezar o estado da consciência humana atual. Consequentemente, buscando decifrar o imaginário arbóreo a perspectiva de uma poética da paisagem urbana, possibilita apresentar a árvore como símbolo que permite recuperar a imagem simbólica do elemento árvore e o que isto representa para o contexto da geograficidade paisagem urbana no estudo de caso em questão.

Portanto, ao considerar a geograficidade humana e sua relação com a paisagem, entendendo os significados da inserção do elemento terra com as dimensões da existência humana, os fundamentos conceituais de Dardel, que possibilita a compreensão de que “a geografia é uma experiência, um reencontro do ser com a natureza, é uma fenomenologia do espaço” (OLIVEIRA, 2011). 

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio C. **História da Arte como História da Cidade**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **La Poétique de l’Espace**. Paris: Quadrige/ PUF, 2004, 9ª ed.

BARBOSA, Jorge Luiz. Paisagens americanas: imagens e representações do *wilderness*. **Espaço e cultura**, n. 5, jan./jun., 1998, p. 43-53.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, p. 48-91, 1998.

CABRAL, Luiz Ótávio. **Bacia da Lagoa do Peri**: sobre as dimensões da paisagem e seu valor. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 20, n. 39, 1990, p. 21-32.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998, p. 92-123.

CRICHYNO, Jorge. **Identidade Urbana Natural-Cultural: uma expressão do patrimônio ambiental urbano de São Domingos, Gragoatá e Boa Viagem (Niterói)**. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense.

DANIELS, Stephen; COSGROVE, Denis. Introduction: iconography and Landscape. In: **The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation**. Cambridge Studies in Historical Geography. Cambridge: Cambridge: University Press, 2002. p. 43-82.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

A árvore urbana como símbolo poético da memória social da paisagem em bairros históricos de Niterói

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro, 1992. 552f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOWENTHAL, David. **The Past Is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MEINIG, D. W. The Beholding Eye: Ten version of the same scene. In: **Landscape Architecture**. Los Angeles, v. 8, 1976, p. 47-54.

NOBERG-SCHULZ, Christian. **Towards a Phenomenology of Architecture**. Nova York: Rizzoli International Publications, 1980.

OLIVEIRA, Livia de. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, abr. 1979, p. 1-25.

SANSOT, Pierre. Memoire Collective et Perdurances Urbaines: Nîmes Inondée. **Les Annales de La Recherche Urbaine. Images et Memoire**. Paris, n. 42, marco/abril 1989, p. 5-10.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 143-164.